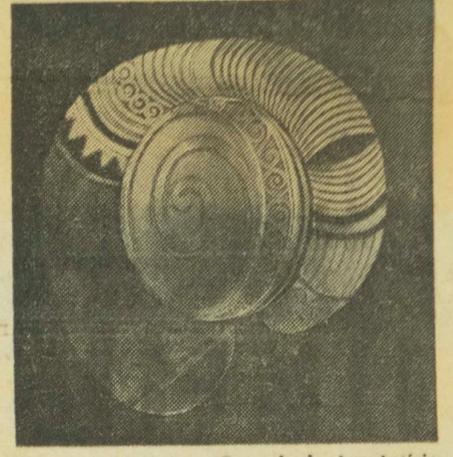


SB 15-9-72

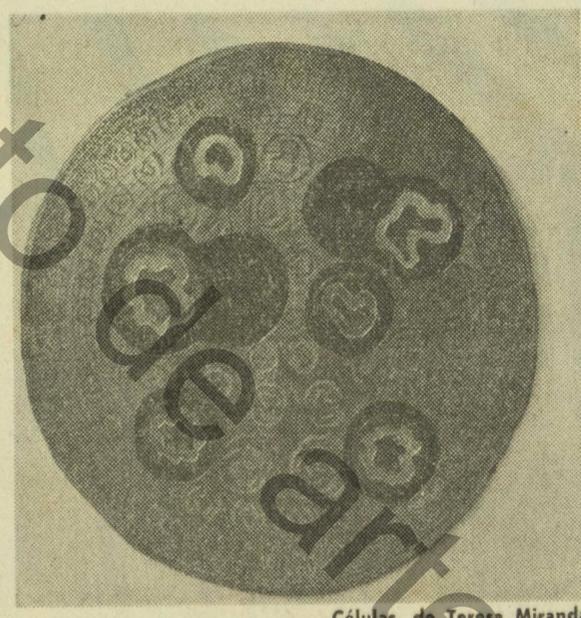
Por caminhos diversos, elas chegaram a um mesmo tema: a Natureza. Desde a sua origem — as pequenas e minúsculas formas de vida — até o confronto quase sempre trágico com as máquinas, o progresso e a destruição. Vera Bocaiúva Mindlin, Ana Leticia, Teresa Miranda e Edite Bhering estão mostrando na Galeria do Grupo B suas conclusões pessoais sobre as relações entre a vida e o mundo, num único veículo de expressão: a gravura



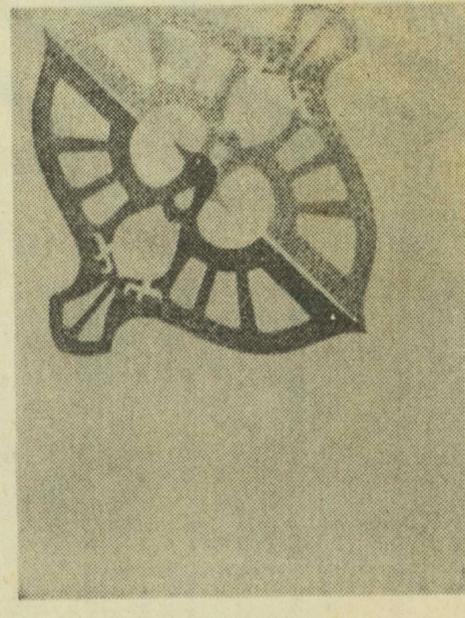
Edite Bhering e os vegetais



Caracol, de Ana Leticia



Células, de Teresa Miranda



Vera Mindlin, seus pássaros

A gravura em quatro visões

Apesar de guardarem intensa individualidade, as quatro gravadoras têm um traço em comum — a mesma dedicação a uma arte difícil de ser realizada no Brasil.

— Fazemos praticamente tudo. É um verdadeiro artesanato. A impressão é manual, para cada cópia gasta-se mais de 40 minutos e muitas vezes, quando se levanta o papel da matriz, o trabalho saiu imperfeito — explica Teresa.

Na Galeria do Grupo B, em Botafogo, Teresa, Ana Leticia, Edite e Vera mostram o que para elas significa mais um passo numa mesma direção — são 10 anos de trabalho em gravação e pesquisa com inúmeras exposições no Brasil e no exterior.

A NATUREZA E A MÁQUINA

Vera confessa que nos últimos anos tem andado meio apática, meio desligada e que esta exposição "é uma excelente oportunidade para voltar ao trabalho." Já Edite se considera "uma preguiçosa que não tem medo do pesado." E explica melhor:

— Sou lenta na elaboração mas não na execução. Não tenho

propriamente um tema — gosto muito dos vegetais.

Edite é quem expõe o maior número de gravuras, muitas delas utilizando uma técnica mista — serigrafia e metal — e uma grande variedade de cores. Sua pesquisa consiste basicamente no processo de viver o trabalho paciente da natureza e, finalmente, o seu choque com a realidade das máquinas — assim aviões, capacetes, ferramentas vão perdendo diariamente a luta para os pássaros, as árvores, os frutos, numa sucessão de vários tipos de caules com muitos cortes e muita cor.

Ana Leticia é mais calada. Há vários anos persegue um tema — o caracol — repassando-o por várias filtragens, revisões e reinvenções.

— É o caracol sempre dentro da terra, saindo de dentro dela, mostrado em cortes, vivendo o seu ambiente, o contato com a natureza.

Inspirada neste contato também surgiu a gravura de Teresa: um sem número de células coloridas, como se estivessem sendo mostradas através de um microscópio.

— É como um estudo de histologia. Sai da fase vegetativa

para o contato com as primeiras formas de vida. Sinto através do que mostro que é preciso viver o dia-a-dia, o presente e o agora. Vivemos dentro de tal violência que já não podemos parar para pensar nessas primeiras relações do homem consigo mesmo e com aquilo que o cerca.

A ARTE E A ADVERSIDADE

Trabalhando em condições difícilíssimas, as quatro gravadoras persistem, segundo Vera, "pela satisfação de ser entendida e levar alguma coisa da gente às pessoas."

— É um negócio chato, dispendioso, cansativo e que, no final, não nos traz nenhum lucro financeiro. Gravura no Brasil é uma arte ainda pouco compreendida. Como não se trata de obra única, vende pouco. Muita gente ainda vê na arte uma forma de exibir status — explica Vera.

Na média, uma gravura custa Cr\$ 500,00, "um pouco caro em comparação com os preços no exterior, até mesmo dos grandes mestres", diz Vera, "mas não há como fugir, por enquanto. Não dispomos de nada que facilite nossa tarefa, tudo é manual, difícil mesmo."

Para Teresa, a tiragem baixa — em geral não mais de 50 — é uma vantagem, já que proporciona uma perda menor em dinheiro e em papel.

— No Brasil imprime-se de acordo com o mercado. A gravura é uma obra frágil, chegando mesmo a ser temida por grande número de pessoas. Se não for tratada com carinho, bem emoldurada e afastada da maresia, sua vida é curta. Não significa a morte, é claro, mas a gravura não sobressai como deveria — explica Teresa.

A expectativa deste novo encontro da gravura com "um tipo de público que está surgindo, o do estudante, gente jovem" parece animar Vera, Ana Leticia, Edite e Teresa a outras exposições, "se possível em conjunto, porque individualmente é perda de tempo, em virtude do pouco consumo da arte no Brasil."

— Precisamos inventar uma nova forma de mostrar o que fazemos — diz Edite. — Caso contrário, nossas gravuras ficarão guardadas nas gavetas ou então, como às vezes acontece, teremos que distribuir entre os amigos que compreendem o nosso trabalho.